

O papel dos encarregados de educação no contrato de avaliação¹

Cláudia Canha Nunes



A escola é um mundo complexo constituído por pessoas, todas elas com um papel importante a desempenhar. Para o seu sucesso é fundamental que professores, alunos e encarregados de educação acreditem nela e no seu trabalho. Deste modo, torna-se imperativo que o processo de ensino-aprendizagem decorra num clima de partilha e reflexão e que a avaliação seja encarada como parte integrante desse processo. Isto significa privilegiar a função formativa e reguladora da avaliação, de modo a que os seus principais intervenientes — professor e aluno — a encarem de forma natural e significativa.

Para mim, definir um sistema de avaliação, balizado por critérios de avaliação bem definidos e pô-lo em prática de modo cuidadoso e reflectido, é uma das tarefas mais importantes que o professor tem que realizar no início do ano lec-

tivo. O seu lançamento implica alguns cuidados — os critérios e processos têm que ser dados a conhecer e explicados aos alunos e encarregados de educação, garantindo a transparência e clareza da avaliação. A sua aplicação exige do professor uma forte coerência de comportamento, sendo necessário que a avaliação das aprendizagens seja um reflexo das práticas de ensino-aprendizagem.

Considero que se os encarregados de educação compreenderem e colaborarem em todo o processo de ensino-aprendizagem torna-se mais fácil atingir, com sucesso, os objectivos propostos em Matemática. Por isso, apresento aqui uma experiência de trabalho que vivi no decorrer do ano lectivo de 2002/03 com os encarregados de educação de uma turma de 7.º ano de escolaridade.

	Forma escrita	Forma escrita/oral	Forma oral
Individual	<i>Portfolio</i> Teste em duas fases Síntese da matéria		Auto-avaliação oral
Grupo		Relatório de tarefas de investigação Trabalho de projecto	

Quadro 1.

O contrato de avaliação

Uma vez que o meu trabalho com a turma só teve início no 2.º período, marquei uma reunião com a professora que me iria substituir durante o 1.º período no sentido de articular os conteúdos a serem leccionados por uma e por outra, perceber quais as formas e instrumentos de avaliação que ela iria utilizar e qual a sua metodologia de trabalho. Decidi, ainda, assistir à reunião de avaliação do final do 1.º período. Nesta reunião fiquei a saber que:

- O desempenho dos alunos durante o 1.º período foi pouco satisfatório, não só a Matemática, mas também às restantes áreas curriculares, disciplinares e não disciplinares;
- Houve problemas de ordem disciplinar com a professora de Matemática e não foram resolvidos;
- Foram diagnosticadas dificuldades nesta turma, essencialmente ao nível da escrita e da capacidade de argumentação;
- As formas e instrumentos de avaliação utilizados pela minha colega foram dois testes escritos e cinco questões que eram resolvidas como trabalho de casa, cuja cotação seguia uma escala de zero a cinco pontos a serem adicionados à nota resultante da média aritmética dos testes;
- Os alunos tiveram essencialmente dois tipos de aulas — expositivas e de resolução de exercícios do manual adaptado.

Com base nestas informações decidi que no primeiro dia de aulas do 2.º período, iria apresentar aos alunos a minha proposta de formas e instrumentos de avaliação a usar até ao final do ano lectivo, assim como a metodologia de trabalho. O quadro 1 apresenta de forma organizada as formas e instrumentos de avaliação a propor aos alunos.

Ao reflectir sobre a minha proposta de trabalho, verifiquei que, comparativamente ao 1.º período, iria accionar mudanças significativas na metodologia de trabalho e avaliação. Os alunos iam viver novos tipos de experiências de ensino-aprendizagem, onde são considerados aspectos curriculares transversais, como o raciocínio, a comunicação, a formulação e verificação de conjecturas e a apresentação de resultados. No que concerne à avaliação, considerei que as alterações iriam ser mais profundas e revolucionárias, comparando com o que tinha acontecido no 1.º período e nos

anos anteriores, não só em Matemática, mas também nas restantes disciplinas.

Logo no primeiro dia de aulas, quando apresentei a minha proposta, as reacções dos alunos não demoraram a surgir: “Só vamos fazer mais dois testes até ao final do ano? Então, se tivermos negativa num dos testes estamos chumbados!” Reacção idêntica tiveram os encarregados de educação, quando os seus educandos lhe transmitiram a minha proposta. De tal modo que na reunião que a directora de turma realizou na segunda semana de aulas do 2.º período para entregar as avaliações do 1.º período, os encarregados de educação manifestaram preocupação quanto às minhas opções, e conseqüentemente, quanto ao aproveitamento dos seus educandos em Matemática, uma vez que o cenário anterior já não era nada bom. Estava instaurado o *caos!*

Sem dúvida que este é um tema complexo e que provoca grande impacto em todos os elementos envolvidos no processo de avaliação. Afinal, o uso do teste como a única forma e instrumento de avaliação dos alunos é prática corrente, quer na disciplina de Matemática quer nas restantes áreas curriculares da escola. Assim, tornou-se evidente a necessidade de reunir com os encarregados de educação para clarificar a minha proposta e envolvê-los no processo de ensino-aprendizagem e de avaliação.

Actividades realizadas com os encarregados de educação

A implementação e sucesso de uma proposta de modos e instrumentos de avaliação como a que foi anteriormente apresentada envolve, para além do professor e dos alunos, outros intervenientes, não menos importantes, que são os encarregados de educação. Assim, com as reacções geradas e o clima de ansiedade e incertezas estabelecido, decidi realizar pelo menos duas reuniões com os encarregados de educação, uma logo na terceira semana de aulas do segundo período, em resposta à *confusão* instaurada, e outra no final do 3.º período, para balanço das actividades.

A primeira reunião realizou-se a 22 de Janeiro de 2003 com a presença de dezassete encarregados de educação. A forte presença dos encarregados de educação, foi para mim o sinal do impacto da proposta que apresentei aos alunos. Por momentos senti uma mistura de sensações: ansiedade, determinação, medo, calor e frio. Mas, seguindo as minhas convicções, apresentei-me e comecei por explicar que o motivo porque tinha convocado a reunião era o esclarecimento

dos critérios e instrumentos de avaliação que estavam a ser utilizados na disciplina de Matemática.

Informei os encarregados de educação dos critérios de avaliação aprovados pelo grupo de Matemática e expliquei cada um dos instrumentos e o modo como eram usados, salientando que no *portfolio* dos alunos existiam documentos que indicavam como seria feita a avaliação de cada um dos instrumentos de avaliação utilizados. Pedi a colaboração dos encarregados de educação e corresponsabilizei-os na realização de todo este processo, sugerindo que fizessem, também eles, uma apreciação periódica do trabalho dos seus educandos, salientando a respectiva importância na evolução das aprendizagens dos alunos. Referi ainda que todo este trabalho é parte integrante do estudo da minha tese de mestrado e que os dados recolhidos foram analisados na tese. Para além disso, informei que iria realizar duas entrevistas e fazer um questionário aos alunos. O pedido de autorização foi entregue aos alunos a fim de ser assinado pelos seus encarregados de educação.

Ansiosa pelas reacções à minha intervenção, dei a palavra aos presentes para colocarem dúvidas e manifestarem as suas opiniões e receios. Por exemplo, o encarregado de educação de Francisco afirmou:

Ouvi a professora com muita atenção e devo dizer que fico contente com o entusiasmo e a energia que demonstrou durante a sua explicação. Eu concordo com toda a proposta de avaliação que fez e acho que é importante mudar e fazer algo diferente. Está mais do que provado que os métodos tradicionais (avaliação por testes) não resultam. A prova está nos resultados que os nossos filhos tiveram e no panorama geral de aversão à Matemática. Mas, enquanto pai, tenho uma preocupação forte que é: E para o ano que vem? Este trabalho vai continuar? Voltamos para trás, ao sistema que até agora tem sido utilizado? E o trabalho e o esforço dos alunos para se integrarem neste novo processo?

Compreendi perfeitamente a preocupação deste encarregado de educação e respondi-lhe que apenas poderia assegurar o trabalho por este ano lectivo. Acrescentei, no entanto, que muito do trabalho que eu me propunha desenvolver com as turmas neste ano podia ser desenvolvido pelos alunos no futuro, independentemente de quem venha a ser o seu professor. Por exemplo, os alunos poderiam continuar a construir o seu *portfolio* e a reflectir sobre o seu desenvolvimento e evolução. Salientei que os encarregados de educação tinham aqui um papel muito importante e podiam ajudar os alunos neste processo.

A encarregada de educação de Tomás pediu para intervir com o objectivo de completar o meu raciocínio e mostrar a sua posição. No entanto, a sua intervenção provocou um ruído geral de troca de impressões entre os presentes e manifestações de apoio à sua intervenção:

Eu concordo com a professora. E nós enquanto pais também podemos sugerir que alguns destes “elementos” de avaliação sejam implementados e aproveitados no futuro. É pena nas outras disciplinas não estar a ser implementado este mesmo processo de avaliação.

Após esta primeira reunião senti que havia possibilidades para um trabalho conjunto, professor-aluno-encarregados de educação. O primeiro efeito desta parceria foi notório na primeira aula após a reunião, uma vez que todos os alunos cujos encarregados de educação estiveram presentes trouxeram o seu *portfolio* para eu avaliar. Fiquei bastante satisfeita com esta surpresa porque significa que a minha mensagem tinha sido entendida e o seu objectivo inicial atingido.

Devo confessar, que inicialmente, quando reuni com os encarregados de educação e os envolvi no processo de construção deste instrumento, não tinha consciência de todos os benefícios que este envolvimento poderia originar. De facto, os encarregados de educação ficaram agradados por terem um veículo de comunicação entre eles e a professora, ilustrativo da diversidade de tarefas realizadas e da evolução das aprendizagens dos alunos. No entanto, ao longo do processo de construção deste instrumento, apenas os encarregados de educação de uma aluna fizeram comentários escritos. Porém, durante os seis meses de trabalho com os alunos foi possível perceber que os *hábitos* de trabalho e a sua *visão* da Matemática foram sofrendo mutações e evoluindo. É o que se evidencia das palavras de Francisco:

Não estudei menos mas também não me esforcei muito para os testes e para as tarefas de investigação de Matemática. [...] Peguei nos TPC's e no *portfolio* para melhorar. [...] Fazer as sínteses da matéria foi mais copiar pelo caderno! [...] Mas mesmo a fazer a cópia estava a estudar Matemática e a aprender. [...] Fui habituado a fazer exercícios para o teste e só fazíamos teste, praticamente era o que contava em Matemática, porque o resto era tudo exercícios, mais exercícios; depois era dar matéria, passar para o caderno e estudar para os testes. Mas, este ano com o *portfolio* foi um bocado diferente. [...] Também houve outras coisas: tarefas de investigação.

Para isso, contribuíram os meus comentários, que ajudaram os alunos a perceber os pontos fortes e fracos do trabalho que foram desenvolvendo, e consequentemente, ajudaram a melhorar o seu trabalho e as suas aprendizagens através das sugestões que fui fazendo. Como refere a aluna Sara: “quando a stora diz alguma coisa eu tento melhorar [...] e tento corresponder aos seus comentários”.

Sem dúvida que os alunos se esforçaram por corresponder às minhas expectativas e foi também perceptível que estavam a ser apoiados por parte dos seus encarregados de educação, como relata Francisco:

Tenho muito que fazer, ir para o computador e escrever a auto-avaliação, o que é pedido, para fazermos isso tudo. [...] é um sistema mais exigente. [...] Sinto que diariamente estou a ser avaliado. [...] e os meus pais estão sempre a perguntar como vai o meu trabalho em Matemática, se há novidades, até virou tema de conversa ao jantar.

A segunda reunião realizou-se a 11 de Junho de 2003 com a presença de vinte encarregados de educação. Desta vez, o meu estado de espírito foi completamente diferente — a ainda maior participação dos encarregados de educação fez-me sentir bem e feliz. Para mim, esta mobilização era o reflexo do trabalho desenvolvido com os alunos e do acompa-

nhamento que os encarregados de educação foram fazendo dos seus educandos nos últimos seis meses e da comunicação estabelecida, embora informalmente. Esta reunião serviu para fazer um balanço do trabalho desenvolvido e da evolução das aprendizagens dos alunos. Comecei por fazer um breve resumo de como foi evoluindo todo o processo: a forma como os alunos se envolveram e reagiram às diferentes tarefas propostas e à forma como estas foram avaliadas; as dificuldades sentidas por ambas as partes (professora e alunos) e o modo como foram ultrapassadas; a importância do meu *feedback* sobre a evolução das aprendizagens e o trabalho realizado pelos alunos, que os ajudou a perceber os pontos fortes e fracos do seu trabalho, permitindo assim a evolução das suas aprendizagens; a influência positiva nos alunos do acompanhamento de todo este processo por parte dos seus encarregados de educação, embora tendo sido, na maioria dos casos, feita informalmente e sem grandes contactos presenciais; e a satisfação dos alunos pelos modos e instrumentos de avaliação utilizados.

Houve unanimidade por parte dos encarregados de educação em manifestarem satisfação pela implementação desta proposta de trabalho e avaliação e pelos resultados obtidos. Neste sentido, os encarregados de educação formularam o desejo deste processo de avaliação ser alargado a todas as disciplinas da escola. Manifestaram também, de forma unânime, insatisfação pelo facto de no próximo ano lectivo eu não assegurar a continuidade desse mesmo trabalho, uma vez que tinha sido colocada no Quadro de Zona Pedagógica de Lisboa.

Aproveitei, mais uma vez, para agradecer e chamar a atenção da importância do papel dos encarregados de educação no sucesso deste trabalho, não só pelo interesse manifestado, mas também pelo trabalho de *bastidores* que desenvolveram com os seus educandos.

Reflexões finais

O desenvolvimento deste projecto revelou-se uma excelente oportunidade para eu aprender. Fazer a gestão do currículo e utilizar a avaliação como forma de aprendizagem foi-me muito enriquecedor e gratificante, em particular, pelas aprendizagens que realizei e pela evolução das aprendizagens dos meus alunos. Porém, não foi tarefa fácil pensar e seleccionar as diferentes tarefas e propostas de trabalho e

fazer, em tempo útil, as necessárias adaptações, como resultado de reflexões conjuntas e/ou individuais com os alunos, num processo de regulação das aprendizagens; dar resposta às diferentes solicitações dos alunos; avaliar e dar *feedback* aos alunos sobre a evolução das suas aprendizagens; comentar o trabalho dos alunos; operacionalizar e gerir o volume de informação resultante da utilização dos diferentes modos e instrumentos de avaliação; reflectir e escrever sobre as minhas práticas e daí tomar decisões ao nível da gestão do currículo e da avaliação. Contudo, aprendi muito, sobre os alunos e as suas aprendizagens, nos múltiplos momentos de interacção professora-aluno.

Por outro lado, quero salientar que mais importante do que a utilização dos seis modos e instrumentos de avaliação, este estudo evidencia a importância de uma cultura e uma prática de avaliação consistente, diversificada e transparente, em que é real e activa a intervenção dos diversos actores do processo de avaliação. Por isso, considero que a parceria que estabeleci com os encarregados de educação foi fundamental e superou as minhas expectativas iniciais. Sem dúvida que, para tal, contribuiu a comunicação que se estabeleceu, não só entre mim e os alunos, como entre mim e os encarregados de educação, mas também entre os alunos e encarregados de educação.

Os resultados desta experiência poderão motivar os professores a utilizar um ou mais modos e instrumentos de avaliação, contribuindo para a diversificação das suas práticas de avaliação. Também poderão servir de mote para um maior envolvimento dos alunos e dos respectivos encarregados de educação no processo de avaliação, levando à constituição de uma nova cultura de avaliação, tendo a comunicação informal entre professor e aluno como instrumento basilar.

Nota

- 1 Parte substancial deste trabalho foi retirado de C. C. Nunes (2004). A avaliação como regulação do processo de ensino-aprendizagem da Matemática: Um estudo com alunos do 3.º ciclo do ensino básico (Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa). Lisboa: APM.

Cláudia Canha Nunes

Escola Básica 2/3 dos Olivais, Lisboa

Materiais para a aula de Matemática

O material aqui apresentado faz parte de um conjunto de actividades elaboradas e aplicadas, em 2006/2007, na Escola Secundária Marquês de Pombal, na área de Matemática para a Vida, no âmbito do Centro de Novas Oportunidades e no Curso de Educação e Formação de Adultos. Com es-

tas actividades pretendeu-se relacionar a matemática com as outras áreas de competências chave.

Dina Ressurreição

Escola Secundária D. Luísa de Gusmão